

SIMON SCARROW

BRITANNIA

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

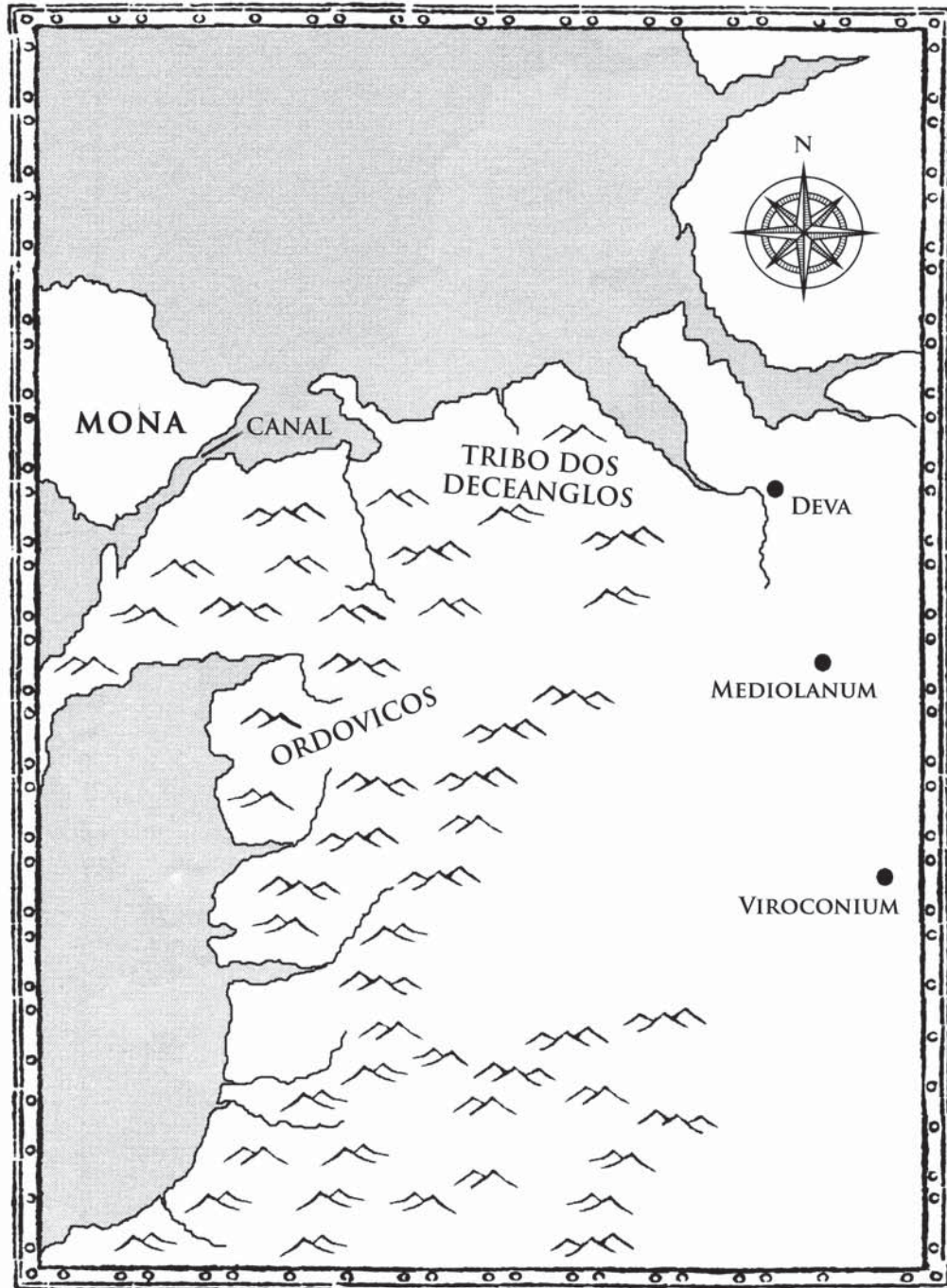


A John e Joan Prigent

A PROVÍNCIA ROMANA DA BRITÂNIA EM 52 D.C.

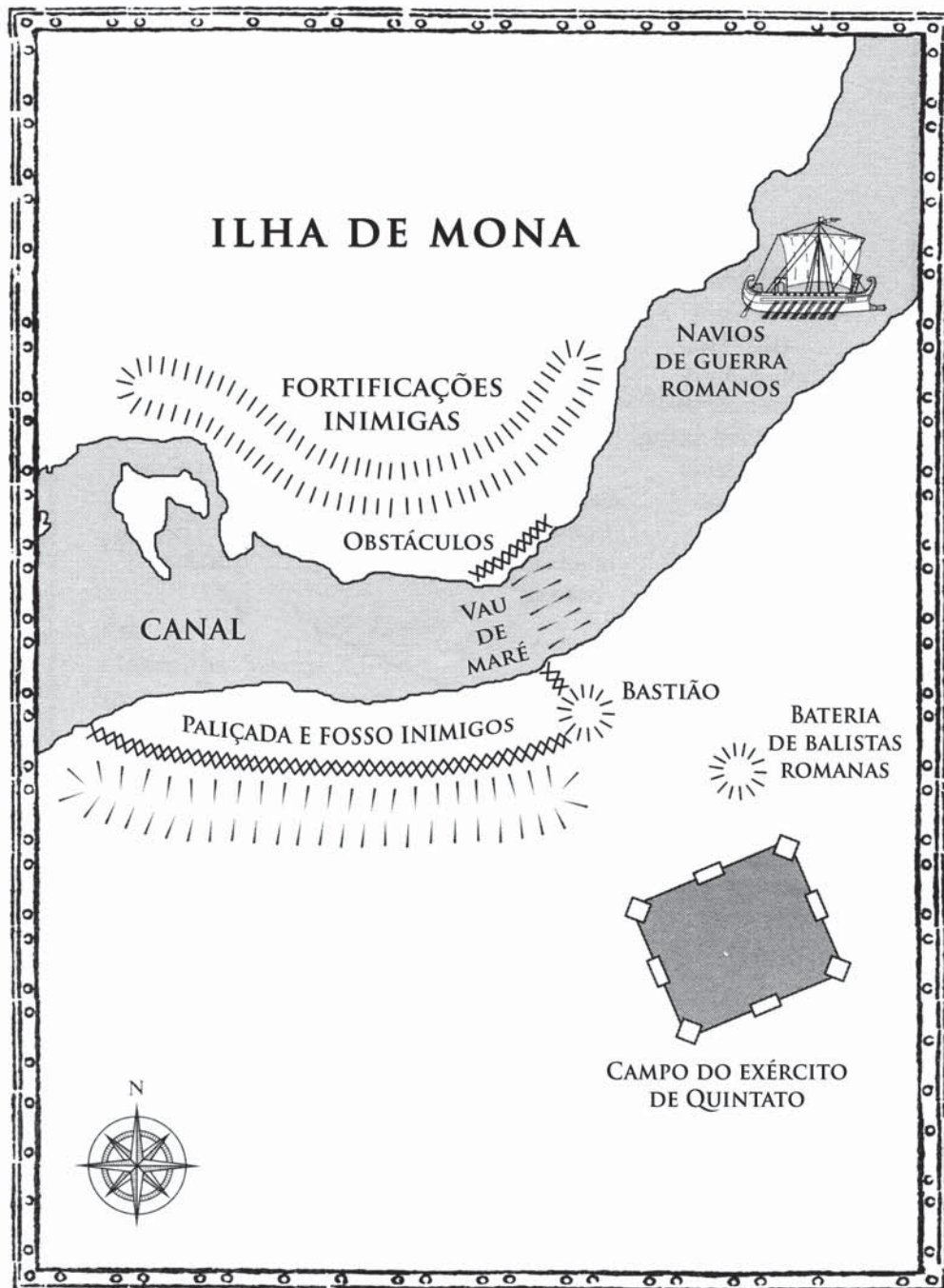


O NORTE DO PAÍS DE GALES EM 52 D.C.

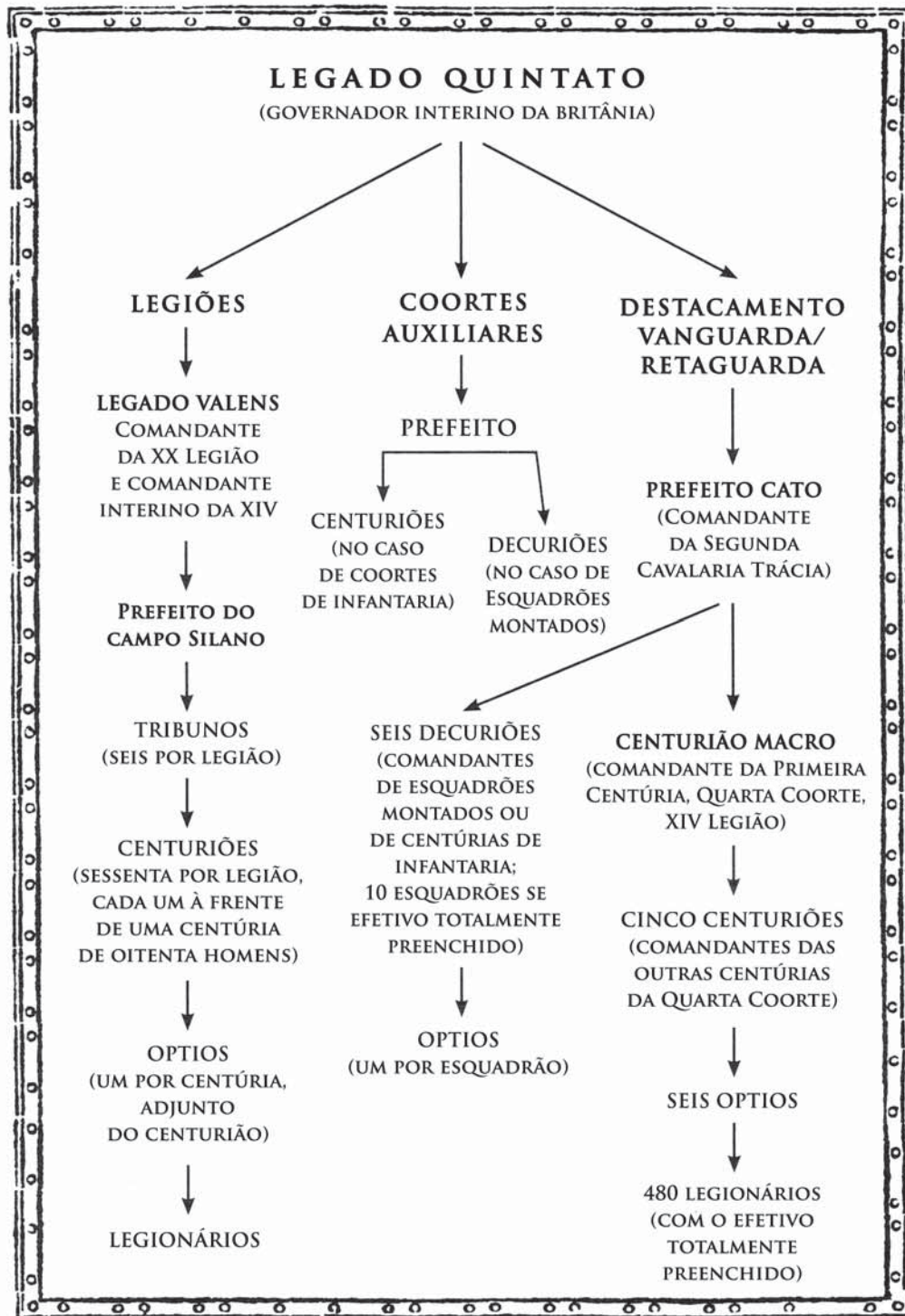


O CERCO DE MONA

52 D.C.



A CADEIA DE COMANDO NO EXÉRCITO ROMANO



LISTA DE PERSONAGENS

No forte

Segunda Coorte de Cavalaria Trácia — os Corvos Sangrentos

Prefeito Cato

Decuriões: Miro, Temistocles, Corvino, Aristófanes, Harpex, Platão

Soldado Traxis

Médico Pausino

Optio Pandaro

Quarta Coorte, Décima Quarta Legião

Centurião Macro

Centuriões: Crispo, Festino, Portilho, Lêntulo, Macer

Optios: Crotão, Diodoro

Destacamento da Oitava Coorte Ilírica

Centuriões: Fortuno, Apilo

Optios: Safro, Mago

Soldado auxiliar: Lomo

Coluna para a invasão de Mona

Legado Quintato, *Comandante do exército*

Legado Valens, *Comandante da Vigésima Legião e (interinamente)
da Décima Quarta*

Prefeito do Campo Silano

Tribuno Livônio

Outros

Aulo Dídio Galo, *recém-nomeado Governador de uma província
em tumulto*

Caio Porcino Glaber, *chefe do estado-maior de Galo*

Venisto, *vaidoso líder dos seguidores civis da Oitava Coorte Ilírica*

Júlia, *a desafortunada esposa de um militar*

Petrônio Deano, *um mercador nativo e um mercenário*

Lúcio, *filho do prefeito Cato e de Júlia*

Outubro, 52 d.C.

— **E**ntão, o que acha? — indagou o prefeito Cato, enquanto continuava a percorrer com a vista a encosta, até se deter na povoação muralhada que se estendia ao longo do vale. Embora não tivesse um aspeto tão formidável como as grandes colinas fortificadas com que se tinham deparado nas terras meridionais da Britânia, era a prova evidente de que a tribo dos deceanglos também era capaz de edificar defesas de respeito. A aldeia tinha sido instalada numa zona de terreno elevado, na margem do rio que percorria velozmente o fundo do vale. Um fosso profundo protegia a muralha de terra, encimada por uma paliçada de aspeto sólido. Nas duas extremidades da povoação situavam-se portões fortificados, guarnecidos por sentinelas atentas a tudo o que se passava quer a montante quer a jusante. Cato calculou que existiam várias centenas de cabanas de forma arredondada no interior das defesas. Havia também um número considerável de animais em cercados, bem como aquilo que parecia ser uma linha de tendas — na realidade, as coberturas dos poços revestidos a pedra que os nativos usavam para armazenar cereais.

Deitado na relva ao lado do jovem oficial, estava o centurião Macro, a face vincada e enrugada pelo esforço posto na observação do vale, uma paisagem banhada pela luz do fim de tarde que dava aos campos ceifados uma cor que os fazia parecer terem sido queimados, e fazia dos esparsos pinhais nada mais do que manchas escuras que cobriam partes das encostas que rodeavam a povoação. Os dois homens tinham tido o cuidado de remover os capacetes e de os deixar com a pequena patrulha que os aguardava do outro lado da crista do terreno. Tinham sido os membros dessa patrulha a assinalar a invulgar atividade que se registara no dia anterior naquela povoação. Graças às discretas capas de tom acastanhado que os envolviam e ao cuidado que tinham posto na deslocação até ao ponto de observação situado no meio das árvores mirradas que

cobriam o cimo da colina, Cato e Macro tinham evitado ser avistados pelo inimigo, e podiam assim avaliar calmamente os preparativos dos guerreiros deceanglos.

Macro, um veterano enrijecido ao longo de inúmeras campanhas, fez um esgar.

— Já não tenho dúvidas nenhuma. Têm estado a recrutar homens nas aldeias em redor. Estás a ver aquele grupo junto aos cavalos? Mesmo ao lado da pilha de lanças e de escudos. Aposto um denário contra dez em como aquilo não é um grupo a preparar-se para ir à caça. — Fez uma pausa e procedeu a um rápido cálculo aproximado dos números do inimigo. — Não podem ser mais de uns quinhentos ou seiscentos. Para já, não representam qualquer perigo.

Cato assentiu. Era verdade. O forte em que tinham sido colocados, a pouco mais de quinze quilómetros a leste dali, estava bem situado, e era guarnecido pelas duas unidades que tinha sob o seu comando: uma coorte de legionários da Décima Quarta Legião, liderada por Macro, e a sua própria coorte auxiliar, de natureza mista. Os Corvos Sangrentos, como se tinham tornado conhecidos graças ao símbolo que ostentavam nos estandartes, tinham em tempos sido uma unidade exclusivamente de cavalaria. Porém, as campanhas recentes nas montanhas a ocidente da província tinham provocado a perda de muitos dos cavalos da unidade. O depósito em Luntum, onde as montadas eram treinadas, tinha desenvolvido todos os esforços para lhes fornecer animais de substituição, mas não os tinha em quantidade suficiente para satisfazer as necessidades de todo o exército. Em resultado dessa escassez, metade dos homens da coorte de Cato agiam agora na qualidade de infantaria, e a unidade tinha sido colocada, com os homens de Macro, num dos postos avançados que tinham a seu cargo a defesa das fronteiras da nova província do Imperador Cláudio. Uma remessa de exércitos substitutos tinha preenchido as fileiras das duas unidades, recompondo-lhes o efetivo até ficarem quase com os mesmos números com que tinham encetado a campanha contra as tribos das montanhas. Com mais de quatrocentos legionários e outro tanto de tropas auxiliares, não se sentiam propriamente ameaçados pelo grupo de guerreiros que se tinha reunido na povoação nativa.

Ainda assim, levantava-se uma questão.

— O que estarão eles então a preparar? — Cato trocou um breve olhar com o seu subordinado, e calculou que os pensamentos de Macro

se dirigiam no mesmo sentido. — Vou mandar uma mensagem ao legado. O mais provável é que ele esteja a receber relatórios similares dos outros postos. O que me leva a pensar que os druidas estão outra vez em plena atividade, e que vamos ter outra vez confusão da grossa.

— Filhos de uma cabra — rosnou Macro. — Sacanas de druidas. Mas esses merdosos desgrenhados não sabem ficar quietos?

— Macro, esta é a terra deles. Esta gente é o seu povo. Acha que nós reagiríamos de outra forma se estivéssemos no lugar deles?

— Se fosse esse o caso, senhor, as legiões nunca teriam conseguido sequer pôr um pé nesta ilha.

Cato soltou uma risada perante o ar convencido do amigo.

— Embora admire a avaliação que faz das nossas capacidades guerreiras, não posso deixar de lamentar a sua falta de empatia pelos celtas.

Macro fungou.

— Se alguma vez tive alguma espécie de sentimento caloroso por estes bárbaros cabeludos, desvaneceu-se já há muito, mais ou menos por volta do momento em que eles deviam ter-se mostrado suficientemente inteligentes para perceber que nunca haverão de nos conseguir derrotar.

— Houve alturas em que estiveram perto disso.

Macro franziu um sobrolho.

— Se assim o diz, senhor.

— E não houve um único momento ao longo de todo este tempo em que não se tenham mostrado dispostos a enfrentar-nos. — Cato suspirou. — Já vão quase dez anos desde que o exército aqui desembarcou, e ainda não podemos dizer que a província é realmente segura. Claro que é difícil chegar a esse ponto quando até os nativos que supostamente estão do nosso lado se veem tratados quase como animais.

O companheiro lançou-lhe um olhar resignado. Macro já tinha ouvido o amigo a arengar daquela forma muitas vezes, e atribuía tal facto ao peculiar apetite do jovem pelas inutilidades da filosofia dos gregos, que o levava a ter tendência para pensar demasiado nas coisas. O que não tinha servido de grande coisa aos próprios gregos, considerou para si mesmo. No fim de contas, a terra deles não passava agora de uma província de Roma, tal e qual como acabaria por suceder com toda a Britânia, mais cedo ou mais tarde. Limpou audivelmente a garganta, antes de ripostar.

— Sim, pois, hão de ser tratados de forma mais decente assim que deixarem de se portar como animais e aceitarem os nossos modos. Mas,

primeiro, ainda temos que andar de cajado aperrado e meter-lhes juízo nas cabeças, à porrada se for preciso. — Fez um gesto com o polegar, designando a povoação no vale. — A começar por esses trastes dos druidas. Digo-to eu, a nossa tarefa nesta terra tornar-se-á bem mais simples a partir do momento em que pregarmos o último desses sacripantas numa cruz e o deixarmos a secar ao sol.

— Talvez seja assim — refletiu Cato. A hostilidade de Macro relativamente ao culto dos druidas tinha muito boas razões de existir. Embora a ilha estivesse dividida em inúmeros reinos tribais, cerca de metade dos quais tinha concluído tratados com Roma ainda antes de o primeiro legionário ter posto o pé nas suas praias, todos eles manifestavam uma profunda reverência pelos druidas e facilmente sucumbiam aos seus apelos para que resistissem aos invasores. Naquele preciso instante, e disso Cato não tinha a menor dúvida, muitas das tribos que já tinham sido subjugadas olhavam para os druidas como exemplo e inspiração para prosseguir a luta. Inúmeros guerreiros dessas tribos tinham cruzado a fronteira, na direção das montanhas, para se juntarem às fileiras dos que lutavam ainda contra Roma. A situação tinha sido potenciada pela morte do governador da província. Ostório era já um comandante experimentado quando fora colocado na Britânia. A verdade é que a experiência acumulada acabara por se revelar demasiado pesada. Toda a tensão do combate infundável contra as tribos das montanhas tinha-o desgastado, e sofrera um colapso em plena reunião com os seus oficiais, acabando por falecer menos de um mês depois.

Não podia ter acontecido em pior altura. As legiões tinham acabado de alcançar uma difícil vitória sobre os guerreiros nativos. O comandante do exército bretão, Carátaco, fora capturado e enviado para Roma com a sua família, e o ânimo dos seus seguidores tinha sido quebrado de forma aparentemente definitiva. E precisamente nesse momento, o governador morrera. Os druidas tinham imediatamente tirado proveito do facto, apregoando-o como um claro sinal dos deuses de que os romanos estavam amaldiçoados e de que as tribos tinham de prosseguir o combate, agora que os deuses lhes haviam dado a sua explícita aprovação. Os postos fronteiriços tinham sido atacados, as colunas de abastecimento e as patrulhas romanas emboscadas, e o exército vira-se obrigado a recuar para uma linha de mais fácil defesa na orla dos territórios dos siluros, ordovicos e deceanglos. A ausência de um comandante incontestado

tinha minado a posição romana; o governador nomeado para substituir o malgrado Ostório não se apresentaria para tomar posse do seu posto antes da primavera. E agora, ali estava a clara evidência de que as tribos se preparavam para renovar os seus assaltos.

— Já vi o suficiente — decidiu Cato. — Vamos.

A rastejar, recuaram para a linha do arvoredo. Assim que se embrenharam na segurança das sombras, os dois homens voltaram a pôr-se de pé e ajustaram as capas e os cinturões das espadas. Por cima deles, as ramagens já perdiam as suas folhas. A folhagem tinha adquirido tons amarelados e ferrugentos, e a ligeira brisa que soprava fazia voar pelo ar todo o mato seco. Cato, mais alto e muito mais magro do que o amigo, sentiu um arrepio. Não lhe agradava de todo a perspectiva de passar os longos meses de inverno confinado ao forte, a que algum membro mais espirituoso do pessoal do anterior governador tinha dado o nome de “Imperatoris Stultitiam” — a Tolice do Imperador. Fora uma daquelas alcunhas que colara, e o forte passara a ser assim designado em toda a correspondência oficial. O tempo invernos da ilha já era absolutamente miserável, refletiu Cato, mas ali, naquela região acidentada e montanhosa, era constantemente frio, húmido e ventoso.

Cato sentia saudades dos confortos de Itália, com o seu clima temperado. Mais importante, era lá que a esposa aguardava pelo seu regresso, na casa que tinham adquirido em Roma. Naquela altura, já Júlia teria dado à luz o seu primeiro filho, e Cato aguardava ansiosamente uma carta dela que lhe acalmasse o espírito quanto a essa questão. Ainda se passariam muitos meses, talvez anos, até que a Britânia se tornasse um lugar sossegado, que lhe permitisse solicitar licença para regressar a Roma, e por isso já decidira que ia antes pedir a Júlia que viajasse para a ilha. As primeiras cidades da nova província estavam em rápida expansão, e embora ainda não passassem de lugarejos, já ofereciam um grau de conforto suficiente para lhes permitir reclamar o título de pontos civilizados do Império. Além disso, ele e Júlia teriam ocasião de se ver com maior facilidade, e Cato poder-se-ia permitir saborear algo da vida familiar a que almejava desde o instante em que soubera da gravidez da esposa.

Foi Macro quem seguiu à frente enquanto subiam o declive por entre as árvores, as botas a fazer restolhar as folhas caídas e a fazer estalar os galhos também tombados sobre o solo. Alcançaram a crista do terreno, estreita e pedregosa, mas de imediato começaram a descer pela outra

face, até ao trilho onde o esquadrão de cavalaria auxiliar os aguardava. Com a colina a separá-los do inimigo, os dois oficiais já se sentiam em segurança, pelo que passaram a falar em tom normal, uma vez que não existia o risco de serem detetados.

— Achas mesmo que estes sacanas nos vão tentar lixar antes da chegada do inverno? — indagou Macro.

Cato pensou uns instantes, antes de assentir.

— É mais do que provável que assim suceda. Os druidas hão de querer lançar um ataque tão cedo quanto possível, enquanto o povo ainda celebra a morte do Ostório. Vão tornar as coisas muito difíceis para nós, mas duvido que tenham a força necessária para nos expulsar das montanhas. Graças aos deuses, já não têm o Carátaco para os liderar nessa renovada ofensiva.

— Pois, foda-se, ainda bem que não — soltou Macro com todo o ardor. — O cabrão tinha mais truques na manga do que uma puta de dez sestércios.

Cato arqueou as sobrancelhas, divertido.

— Que imagem tão colorida.

Macro escarrou para o solo.

— E, como de costume, temos a sorte de não vir a receber qualquer recompensa pela sua captura, coisa que até fizemos por duas vezes. Não, o crédito pela façanha vai acabar nas mãos de outro sacana sortudo qualquer.

Cato compreendia perfeitamente o azedume do amigo. A situação nada tinha de justo, mas já passara suficiente tempo de serviço no exército para saber que um soldado raramente recebia o crédito merecido pelas suas ações. Especialmente quando havia por perto algum político pronto a reclamar como seu o sucesso que se devia a outros.

— Muito gostava eu de saber como será o Carátaco recebido em Roma, quando lá chegar agrilhado — prosseguiu Macro. — Espero que lhe ofereçam o mesmo tratamento que César deu àquele gaulês.

— O Vercingetorix?

— Esse, pois.

Cato recordou o homem que se tinha oposto a Júlio César, cerca de cem anos antes. Derrotado em Alésia e feito prisioneiro, passara vários anos a definhar numa masmorra nas catacumbas de Roma, até ser arrastado para as ruas e estrangulado no momento da celebração do

triunfo de César. Um fim indigno para um nobre inimigo, considerou Cato. Esperava que o Imperador Cláudio poupasse Carátaco a uma tão miserável e humilhante execução. Tinha combatido de forma valente e incansável contra Roma, e merecia o respeito dos seus inimigos. Apesar do que Macro pudesse sentir sobre esse tema.

— Espero bem que não.

Macro lançou um olhar seco sobre o ombro.

— Com pena do nobre bárbaro?

Cato sorriu.

— Sim, qualquer coisa do género.

— Merda, miúdo, quando é que vais meter isto na cabeça? Aqui estamos nós, e ali estão eles — os bárbaros — a interporem-se no rumo e no destino de Roma. Se fossem espertos, davam-nos passagem. Não sendo o caso, isso só prova que são burros. Neste mundo não há cá lugar para a piedade. No nosso campo profissional, é tudo o que é preciso saber.

Cato encolheu os ombros. Uma tão informal troca de ideias e palavras entre um centurião e o seu oficial superior causaria em geral um cerrado franzir de sobrolhos, mas a verdade é que os dois homens tinham servido lado a lado desde que Cato fora incorporado nas legiões, já fazia uma década. Em privado, continuavam a conversar da forma jocosa e informal que usavam havia anos, e Cato apreciava a situação. Era bem melhor ter um camarada em quem podia confiar para dizer aquilo que realmente pensava do que um que se limitasse a obedecer sem pestanejar.

— Além disso — prosseguiu Macro, — achas, por um instante que seja, que eles te devolvem o favor? Nem pensar. Odeiam-nos profundamente e, se pudessem, cortavam-nos as goelas sem pestanejar. Os únicos que acreditam nessa treta de nobres bárbaros são aqueles mariconços literários que se deixam ficar por Roma a inventar historietas de merda. Não existem bárbaros nobres, só bárbaros, mais nada.

— Dá-me ideia de que esse rico filão de imagens coloridas e insultuosas já foi explorado até ficar esgotado, e há bastante tempo — foi a resposta de Cato. — Portanto, faça-me um favor e poupe o fôlego, sim?

Macro cerrou os lábios e fez uma careta.

— Como queira, prefeito.

A mudança de tom e a referência à sua patente denunciavam que Macro ficara magoado com o remoque, e Cato suspirou para si mesmo

enquanto seguia o amigo em silêncio. Mais adiante já se via luz por entre as árvores, e depressa emergiram para o trilho nativo que atravessava a floresta. Fizeram uma pausa, de respiração pesada, e olharam para ambos os lados, mas não viram sinal dos soldados que os tinham acompanhado desde o forte.

— Não estou a reconhecer este lugar — notou Cato. — Devemos ter entrado na floresta um bocado mais à frente no trilho.

— E agora, para que lado?

Olhou para a crista da colina e avistou alguns penedos em que tinha reparado à chegada.

— Para a esquerda. Vamos.

Avançaram a passo rápido pelo trilho encaixado entre as árvores, a brisa a correr por entre as ramadas. Depois de percorrerem uma curta distância, o trilho fazia uma curva para acompanhar a forma da encosta, e ali, a cinquenta passos, aguardava a patrulha. Dez homens, à espera junto das montadas, um deles a segurar os cavalos dos oficiais, além do seu. As capas, calças e botas estavam tão cobertas de lama como os flancos dos animais. Assim que avistou os oficiais, o decurião Miro alertou os homens, e todos se prepararam para montar.

— Tinhas razão, decurião — começou Cato, quando se aproximaram. — Está-se a preparar confusão.

Miro inclinou a cabeça num sinal de reconhecimento, aliviado por ver que o seu comandante concordava com a avaliação que fizera da situação.

— Senhor, as suas ordens?

— Regressamos ao forte. Depois trataremos de enviar as nossas observações ao legado.

Miro olhou para ele.

— Senhor, o que pensa que o legado Quintato fará acerca disto?

— Decurião, não nos cabe pormo-nos a imaginar o que fará o legado. — Cato subiu para a sela, passou a outra perna pela garupa, acomodou-se e deu ordem. — Montar!

Os outros imitaram-no, com um coro de grunhidos, couros a estalar, e o resfolegar das pesadas montadas. Assim que os homens empunharam as rédeas nas mãos esquerdas e apoiaram as lanças no encaixe junto aos estribos, Cato fez um gesto com a mão, para que se pusessem em andamento, e levou o grupo a trote pelo trilho. Este era suficientemente

estreito para obrigar os romanos a seguir em fila indiana durante algum tempo, até sair da floresta e desembocar num espaço aberto. Nessa altura Macro fez o seu cavalo acelerar até se colocar ao lado do prefeito.

— Vamos ter que preparar os rapazes para uma marcha, senhor. Para o caso de o Quintato dar essa ordem.

— Estou ciente disso. Preciso que me prepare um inventário completo dos suprimentos que temos ainda à nossa disposição. Se nos faltar alguma coisa, tratarei de a pedir ao quartel-general. Não vamos cair outra vez naquela situação ridícula que nos aconteceu no início do ano.

Macro assentiu, satisfeito. As duas unidades sob o comando de Cato tinham sido colocadas a proteger um comboio de bagagens, e o oficial responsável pelos abastecimentos do exército tinha-os por sua vez colocado no fim da longa lista de unidades às quais era preciso fornecer materiais de substituição. Só quando Cato tinha conseguido encurralar o tribuno subalterno responsável e lhe tinha dado uma valente ensaboadela é que a escolta das bagagens começara a receber aquilo de que necessitava. Se Quintato se visse forçado a lançar uma nova campanha, desta vez era essencial que fosse assegurado que os Corvos Sangrentos e os legionários de Macro estivessem bem equipados e abastecidos com tudo o que era necessário para enfrentar os rigores do combate nas montanhas.

De repente, Cato esticou o braço no ar e refreou o cavalo. Antes de conseguir reagir, o cavalo de Macro tinha prosseguido e adiantara-se ligeiramente. Os outros cavaleiros imitaram o gesto do líder, enquanto Cato se debruçava na sela e escrutinava um afloramento rochoso que se projetava sobre o trilho a curta distância.

— Senhor, o que se passa? — indagou Macro.

— Há ali movimento. Avistei alguém no meio das rochas.

Macro olhou para o mesmo ponto e inchou as bochechas.

— Não dou por...

Antes que pudesse terminar, um vulto diminuto numa túnica de lã ergueu-se e aprestou um arco. Por instinto, Macro lançou a mão ao punho da espada, antes de parar e soltar uma sonora gargalhada, ao reparar que se tratava de um miúdo escanzelado.

— Desaparece! Antes que eu chegue aí e te dê cabo do canastro!

Os soldados romanos riram nervosamente, deixando dissipar-se a tensão. O rapaz soltou um grito de desafio na sua própria língua e soltou

a flecha. O projétil descreveu um arco a caminho dos cavaleiros e desapareceu por entre as ervas que ladeavam o trilho.

— Olha o descaramento! — rosnou Macro. — Vou ensinar umas maneiras ao fedelho merdoso, antes de o levarmos prisioneiro.

Fez avançar o cavalo a caminho das rochas, sob um coro de aplausos de alguns dos auxiliares. O miúdo pegou noutra flecha e assestou-a no arco, antes de o levar à cara e apontar ao cavaleiro que se aproximava dele.

Cato levou a mão em concha à boca para lançar um aviso.

— Macro! Cuidado!

A segunda flecha saltou do arco, e Cato percebeu de imediato que o jovem tinha feito pontaria com precisão, ou que se limitara a ter sorte, dada a velocidade do seu alvo. Macro estremeceu na sela. O cavalo desacelerou repentinamente, seguindo a trote até se imobilizar enquanto o centurião se debruçava para inspecionar a perna.

— Foda-se... O cabrãozinho acertou-me. — O tom era mais de surpresa do que de dor, e Cato apressou-se a fazer avançar a sua montada. O rapaz mantinha-se sobre as rochas, a boca aberta de surpresa perante o resultado da sua bravata. O feitiço quebrou-se, e ele baixou o arco e virou-se para fugir.

— Atrás dele! — gritou o decurião Miro.

Cato deteve-se junto a Macro e viu a haste escura da flecha a sair das calças de couro que cobriam as pernas do amigo. Já se via o sangue a escorrer em torno da ferida, a descer pela perna e a pingar para o solo. O centurião abanou a cabeça, ainda admirado, os lábios arreganhados num sorriso amarelo, enquanto rangia os dentes.

— Apanhou-me mesmo, o sacaninha. Um golpe de sorte.

Cato desceu da sela e examinou a ferida de perto. Sentiu-se agoniado quando notou a forma como o sangue corria sem cessar. Apercebeu-se dos vultos escuros dos cavaleiros a passarem por ele, liderados por Miro na caça ao miúdo nativo, e teve a presença de espírito para se empertigar e chamar o decurião.

— Deixem o miúdo! Decurião! Chama os teus homens!

Os auxiliares abandonaram a caça com evidente relutância e ficaram a ver o fugitivo a saltitar agilmente por entre as rochas, a caminho do cimo da colina. Seria uma perda de tempo tentar segui-lo. O rapaz era astuto, seguindo por um caminho inacessível aos cavalos, e por outro

lado facilmente se distanciaria dos soldados equipados pesadamente com as armaduras, se o seguissem a pé. Cato voltou-se para o amigo.

— Macro, temos que estancar a hemorragia. Isso está mau.

— Isso vejo eu muito bem, obrigado.

Cato inspirou profundamente.

— Sabe o que tenho que fazer?

— Despacha-te lá com isso.

— Muito bem. — Cato cerrou o punho esquerdo em torno da haste e firmou o braço. Depois colocou a mão direita também na haste, a curta distância da outra. Retesou os músculos. — Pronto? Aos três.

Macro anuiu, e olhou para cima.

— Um... — De repente, Cato fez força e partiu a haste, e o amigo soltou um urro de dor, antes de lhe lançar um olhar furibundo do alto da sela.

— Batoteiro de merda... senhor!

O sangue jorrou da ponta da haste ainda cravada na perna de Macro, e Cato apressou-se a tirar o lenço do pescoço e a colocar uma ponta por baixo da perna do centurião antes de começar a enrolá-lo em torno do membro ensanguentado, passando de um e do outro lado da haste e apertando a ligadura improvisada com toda a força. Assim que acabou de a atar, começaram a surgir manchas avermelhadas no tecido, e ele esticou a mão e pediu.

— Dê-me o seu lenço.

Macro desapertou o pano que tinha em redor do pescoço, e Cato usou-o para reforçar a ligadura. Apesar da pressão, a ferida continuava a sangrar, e o jovem percebeu que Macro estava a perder muito sangue, a um ritmo muito elevado. Tinha que o levar de volta ao forte rapidamente, para permitir que ele fosse tratado pelo médico da guarnição.

— Miro! Quero um homem de cada lado do centurião. Têm que o manter direito na sela.

Enquanto os homens se colocavam em posição, Macro abanava a cabeça.

— Porra, não preciso de enfermeiras. Sou bem capaz de me aguentar sozinho.

— Cale-se, e faça como lhe digo — ripostou Cato, voltando a subir para a sela. Pegou nas rédeas e olhou na direção do rapaz, já longe e num ponto mais elevado do terreno. Tinha parado para se dedicar a lançar

insultos aos romanos, e a sua voz estridente ecoava nas rochas. Depressa se aperceberiam do tumulto na povoação nativa, e não perderiam a ocasião de tentar atacar a patrulha.

— Temos que sair daqui.

Sentiu uma ponta de ansiedade ao ver Macro a oscilar na sela; o centurião já tinha perdido muito sangue, e o choque contribuía para o fazer sentir tonto. Depressa a ansiedade que Cato sentia se transformou em receio: o temor de perder o seu mais próximo amigo no mundo, em resultado daquele absurdo confronto e da inacreditável sorte do segundo disparo do rapaz. A ironia de ver Macro abatido por um miúdo magriçela, depois de ter derrotado vários dos mais formidáveis inimigos do Império, era quase insuportável para Cato.

— Merda. Merda — resmungou, ao cruzar o olhar com o de Macro, que exibia um ar ausente. — Não o Macro. Não agora. Não neste lugar.

— Nem pensar nisso, foda-se — respondeu Macro, num arranque. — Não te preocupes com isso, miúdo.

Cato assentiu, e virou-se para o decurião Miro.

— Regressamos ao forte! Não há paragens por nada deste mundo. Vamos!

— **D**eitem-no aí nessa mesa — ordenou o médico, ao ver os auxiliares entrarem na sala de tratamentos da pequena enfermaria situada ao lado do edifício onde funcionava o quartel-general do forte. Macro seguia entre os dois homens, um braço em redor do ombro de cada um, sem forças. Mal se mantinha consciente, e a cabeça descaía-lhe; Cato ficou chocado ao verificar o ar pálido, quase branco, do rosto do veterano. Lá fora, o dia estava a terminar, e uma trombeta tinha acabado de dar o sinal para a mudança de turno. Uma patrulha entrava a galope pelo portão principal, mas a plácida rotina quotidiana da guarnição prosseguia, sem que alguém se desse conta do pequeno drama que se desenrolava.

Pausino era um dos raros médicos militares que não eram gregos ou naturais de uma das províncias orientais, onde o conhecimento médico estava mais desenvolvido e era fácil de adquirir. Tinha sido escolhido entre os homens das fileiras para ser treinado no tratamento de feridas, antes de progredir na carreira até à posição que ocupava naquele momento, depois de muitos anos de experiência a remediar ferimentos, fraturas e doenças dos soldados.

A mesa de exames tinha uma pequena almofada de couro numa das pontas, para permitir que os pacientes ali encostassem a cabeça. Os homens que amparavam o centurião levantaram-no e pousaram-no sobre a dura superfície, e Cato afastou-se ligeiramente, para permitir que Pausino desempenhasse o seu papel.

— Tirem-lhe o arnês e a armadura. As botas também. Deixem-lhe só a túnica.

Enquanto os auxiliares cumpriam as indicações, Macro não parava de soltar imprecações, embora os olhos lhe rebolessem nas órbitas e a cabeça lhe oscilasse lentamente de um lado para o outro. Entretanto,

o médico tinha pegado na sua maleta de instrumentos e selecionado com todo o cuidado alguns deles, que pousou num banco ao lado da mesa. Chamou um dos ajudantes para que lhe trouxesse ligaduras limpas, vinagre e a caixa de ervas, antes de abrir as persianas da janela do outro lado da cama onde Macro jazia, de forma a deixar entrar toda a luz possível.

— Saíam-me da frente! — Fez menção de empurrar um dos auxiliares com um gesto brusco. — Afastem-se. — Inclinou a cabeça na direção de Cato. — Senhor, não me dirigia a si, claro. Mas mantenha-se desse lado, sim?

Cato anuiu e deixou-se ficar numa posição que lhe permitia ver o rosto pálido do amigo, sem prejudicar o trabalho do médico ou da sua equipa.

Depois de a armadura de Macro ter sido removida, Pausino desfez as ligaduras feitas com os lenços e lançou os panos ensopados em sangue para um cesto ao lado da mesa. Debruçou-se para inspecionar de perto a haste da flecha antes de se endireitar e se dirigir ao centurião.

— Vou ter que lhe cortar as calças para as abrir e ter acesso à ferida, senhor.

— Não... — protestou Macro, em voz fraca. — Ainda hoje as vesti...

— Pois, é uma pena. — Pausino pegou numa tesoura e começou a cortar o cabedal até à altura da ferida, depois continuou com todo o cuidado em torno da haste da flecha e prosseguiu até à cintura, até as poder abrir e afastar da pele do centurião. O sangue vivo misturava-se com o seco numa pasta, que se tinha acumulado na área em que a flecha rasgara a carne. O médico testou-a com os dedos, e Macro deixou escapar um gemido profundo.

— Humm. Isto está feio. Não consigo sentir a ponta da flecha. Deve ter penetrado profundamente. — Pausino cofiou o queixo, onde se notava uma ligeira penugem, deixando uma risca avermelhada sobre a sua própria pele.

— O que vais fazer então? — inquiriu Cato.

— Senhor, só há uma coisa a fazer. Uma extração progressiva deverá resolver o problema.

Cato suspirou e assumiu uma expressão de dúvida.

— Não me queres explicar o que é isso?

— Claro, senhor, explicar-lhe-ei tudo à medida que for trabalhando.

O centurião continua a perder sangue, portanto não temos tempo a perder. — Pausino virou-se para os auxiliares. — Ponham-no de lado e segurem-no. Quando eu começar, não podem permitir que ele se mexa, nem um bocadinho que seja. Percebido? Ótimo! Vamos então a isso.

— Eu faço isso. — Cato afastou um dos auxiliares, e segurou nos ombros de Macro.

Pausino olhou para ele com uma expressão de surpresa, antes de encolher os ombros.

— Como queira. Pronto? Agora.

O médico foi dando indicações, e os homens ao redor da mesa colocaram Macro na posição pretendida, com a ferida para cima e a haste na melhor posição para trabalhar.

— Segurem-no bem — indicou Pausino, enquanto empunhava um escalpelo de bronze e avaliava o ângulo de entrada da flecha na carne. Respirou fundo e inseriu a ponta do instrumento na carne, no outro lado da perna de Macro. Sangue de um vermelho vivo escorreu da nova ferida infligida ao centurião, e correu pela pele de Macro até se depositar na mesa. O centurião soltou um renovado gemido e tentou remexer-se. Cato segurou o amigo pelos ombros, enquanto um auxiliar lhe prendia as pernas. Cato sentiu o corpo de Macro a tremer debaixo das suas mãos.

— Se ele está a perder tanto sangue, porquê fazer uma nova ferida?

Sem levantar os olhos ou interromper o seu trabalho, o médico respondeu.

— Como já disse, a flecha penetrou profundamente. Além disso, reparei que tinha uma ponta larga. Muito provavelmente era uma flecha de caça. Se tentar uma extração por retração, ou seja, se a puxar pelo ponto de entrada, acabará por causar muitos mais danos e perda de sangue. Portanto, o truque é fazer uma incisão no ponto oposto à entrada e fazer a flecha sair por aí. — Levantou o olhar. — Claro que isto é mais difícil do que parece. Não é de estranhar que o Celso estivesse sempre a queixar-se disso. Calculo que não tenha lido os seus trabalhos.

— Conheço o nome.

— Conhecer o nome e conhecer o seu trabalho não são exatamente a mesma coisa, senhor — lançou Pausino a seco, enquanto continuava a fazer a incisão. — O *De Medicina* é o texto de referência para os médicos militares. O Celso cobriu quase todos os temas de forma adequada, mas a verdade é que não há substituto para a experiência. Tal como disse

Hipócrates: “Aquele que deseja praticar a medicina deve partir para a guerra.” E graças às múltiplas campanhas que temos levado a cabo aqui na Britânia, tenho acumulado bastante mais experiência do que a maior parte daqueles que praticam a minha profissão. E muito mais do que a maior parte deles. — Designou um dos ajudantes com um aceno da cabeça. — Pode portanto estar certo de que o centurião está em boas mãos.

Afastou por fim o escalpelo e pousou o instrumento ensanguentado no banco, antes de empunhar um estilete.

— Agora é que vem a parte mais complicada.

Afastou os lábios da incisão com os dedos da mão esquerda, fazendo surgir o músculo vermelho vivo por baixo da pele. O sangue escorria sem parar.

— Temos que estancar isto. Tu, deita ali vinagre!

O ajudante inclinou-se para a ferida, tirou a tampa a um pequeno frasco e verteu algum líquido, sem poupar na quantidade; limpou o excesso de sangue em volta da ferida, antes de deitar mais vinagre diretamente sobre a incisão. Macro voltou a agitar-se freneticamente debaixo das mãos de Cato, e rugiu.

— Foda-se! Isso... arde...

Lançou mais um grunhido, e ficou inerte. O coração de Cato quase parou.

— O que aconteceu?

— Desmaiou, só isso. Não me surpreende nada. É rijo, o centurião. A maior parte dos homens já teria desmaiado há muito tempo, por causa do choque e da perda de sangue. Parece que o vinagre foi a gota que faltava para o deitar abaixo. — Pausino afastou mais a carne e inseriu o estilete com toda a cautela. Cerrou os dentes e manobrou o instrumento, até acenar. — Encontrei-a. Prende as bordas da incisão e passa-me o extrator.

O assistente hesitou e Pausino soltou um silvo, irritado.

— Aquele ali, com o entalhe.

Já de posse do instrumento que tinha pedido, o médico olhou para Cato.

— Agora é que isto se torna interessante. Parece-me que tem uma mão mais firme do que este idiota. — Designou o assistente com um aceno. — Senhor, importa-se de trocar de lugar com ele? Gostava de poder contar com alguém capaz de aguentar a pressão.

Cato engoliu em seco.

— Se isso ajudar.

Afrouxou o aperto sobre os ombros de Macro e deixou que o assistente tomasse o seu lugar. Pausino entregou-lhe os ganchos: dois instrumentos esguios com pontas recurvas e rombas.

— Preciso que mantenha as bordas da incisão bem afastadas, de forma a que eu consiga chegar à ponta da flecha. Não tão abertas que provoquem mais danos ao centurião, mas o suficiente para eu conseguir ver o que estou a fazer. Entendido?

— Acho que sim.

Pausino perscrutou-lhe o rosto por momentos e adotou um tom gentil.

— O centurião não é apenas mais um camarada, pois não? É mais do que isso. Um amigo?

— O melhor — replicou Cato. — Conheço-o desde o momento em que entrei para o exército.

— Estou a ver. Nesse caso, tem que perceber bem isto. Se queremos fazer o melhor possível para o ajudar, não podemos deixar-nos afetar pelo sofrimento que lhe vamos causar agora. Temos que fazer tudo o que é necessário para o salvar.

— Compreendo.

— Muito bem. Então, ao trabalho! Abra a ferida, mas dê-me espaço para fazer o resto. — Quando reparou na hesitação de Cato, o médico apontou para a incisão. — Senhor, isso não se vai abrir sozinho.

— Mas que porra. Seja, vamos a isso. — Cato brandiu os ganchos e colocou as pontas sobre as bordas do corte, antes de afastar a pele para expor o músculo vermelho no interior. Pausino lançou de imediato mais vinagre sobre a abertura.

— Senhor, tem que ter firmeza nas mãos.

Cato firmou a pega dos ganchos e fletiu os músculos dos braços enquanto Pausino se colocava de lado, para deixar a luz da janela cair sobre a área da incisão. Avançou então com o estilete, afastando os músculos para o lado enquanto procurava pela ponta da flecha. Como já sabia, depois da primeira tentativa, em que zona devia procurar, foi coisa de um momento.

— Ora cá estás tu, minha cara amiga. Está a ver?

Manteve separada uma secção de músculo fibroso, e usou o extrator para apontar o pedaço metálico.

— Muito bonito — respondeu Cato, sentindo-se ligeiramente agoniado. — E o que diz o Celso para fazer a seguir?

Pausino não respondeu de imediato, já que se tinha concentrado na colocação precisa do extrator. Ajustou o instrumento à ponta do projétil, rodou o encaixe para que se prendesse à base da ponta metálica e deu-lhe um ligeiríssimo puxão.

— Gaita...

— O que se passa?

— Precisamente o que eu mais temia. É mesmo uma flecha de caça. A ponta é achatada e tem farpas. Se tento tirá-la assim como está, vou provocar imensos danos internos. Bom, não importa. Vou ter que utilizar outro instrumento, não é? — Pousou o extrator junto à incisão e pegou num par de tenazes de aspeto delicado. Voltou a concentrar-se na ferida e deu ordens ao assistente para manter imóvel a haste da seta.

Enquanto o outro homem fazia o que lhe tinha sido indicado, o médico avançou com as pinças e afastou os tecidos do músculo rasgado, de forma a expor uma barbilha. Apertou a pinça à volta da fina agulha metálica saliente, e partiu-a pela base, junto à parte lisa da ponta da flecha.

— Cá está uma. — Puxou a farpa e exibiu-a, para que Cato a apreciasse, antes de a lançar para o cesto que estava por baixo da mesa. — Agora vamos à outra.

Repetiu o procedimento, antes de pousar as tenazes e voltar a pegar no extrator.

— E agora sim, podemos concluir o trabalho.

Cato observou com um fascínio mórbido enquanto o médico voltava a introduzir o instrumento de bronze pelo meio dos músculos da perna de Macro, o ajustava sobre a cabeça metálica da flecha e o rodava para o prender.

— Cá vamos — murmurou Pausino quando começou a puxar a ponta da flecha para a incisão que tinha realizado. O ferro estava envolto em sangue, o que o tornava escorregadio, e o extrator soltou-se. Com toda a paciência, o médico voltou a prendê-lo e continuou a puxar até a ponta sair pela incisão, entre os ganchos que Cato continuava a segurar com toda a força. Assim que um comprimento suficiente da haste se tornou acessível, Pausino pegou nela com dois dedos, largou os outros instrumentos e puxou-a para fora. Quase vinte centímetros de madeira

revestida de fluidos e sangue emergiram, até que por fim, com um pequeno estalo, se libertou por completo, e o médico levantou-a no ar enquanto endireitava as costas. — Uma peça realmente perigosa.

Cato assentiu enquanto examinava a ponta metálica larga e achata-da, agora despojada das duas farpas. Tornava-se bem claro porque fora necessário seguir o procedimento adotado por Pausino. Qualquer tentativa de sacar a flecha pelo orifício de entrada teria esfacelado o interior da perna de Macro, ao rasgar músculos e vasos sanguíneos.

— Agora há que limpar e fechar isto — anunciou Pausino. Pegou nalgumas compressas da caixa médica, colocou-as numa pequena taça de latão e despejou sobre elas uma generosa porção de vinagre. Quando já tinham absorvido todo o líquido que podiam, extraiu-as e empurrou-as pela incisão que fizera, antes de repetir o gesto para a ferida de entrada.

— Senhor, já pode tirar os ganchos.

Cato soltou-os cuidadosamente e pousou as pequenas peças de bronze sobre a mesa. Entretanto, Pausino tinha embebido duas esponjas, que passou para as mãos do seu assistente.

— Faz pressão nas feridas até eu dizer.

— Sim, senhor.

Deixando o assistente a tratar das feridas, o médico endireitou-se e rodou os ombros.

— Bom, correu tudo pelo melhor. Conseguimos evitar o risco de produzir mais danos. Desde que a ferida não infete, que ele descanse e dê à perna a hipótese de sarar, a recuperação deve ser total. Durante uns meses sentirá a perna um bocado hirta, mas isso é de esperar. Não se apanha com uma flecha de caça na perna e se continua como se nada se tivesse passado. Ele é do género de se revelar um paciente irrequieto e impaciente?

Cato fez uma careta.

— Nem sequer imaginas...

— Bem, senhor, nesse caso terá que lhe ordenar que siga as minhas indicações. Lá por ser um oficial, não tem o direito de colocar em risco o meu trabalho, e bem difícil que ele foi. Atrevo-me a dizer que será preciso dar-lhe instruções escritas para fazer o que lhe dizem, até recuperar por completo.

— Tratarei disso. — Cato imaginava facilmente como isso seria

apreciado por Macro. Ainda assim, ordens eram ordens, e o amigo teria simplesmente que se habituar à situação e aguentar.

— Assim sendo, vou preparar-lhe uma cama no dormitório. — Pausino deu atenção à sua caixa de medicina e tirou do interior uma agulha e algum fio, feito de tripa torcida. Depois de passar o fio pelo buraco da agulha, pegou em três alfinetes com fecho e juntou-os ao material preparado. — O orifício de entrada é pequeno, e basta cosê-lo — explicou. — As fíbulas são para fechar a incisão que realizei para extrair a flecha. O que têm de bom é que se podem pôr e tirar com facilidade, se for preciso examinar a ferida. Claro que dói imenso, mas quanto a isso não há nada a fazer. Muito bem, podes tirar as esponjas.

O assistente deixou de fazer pressão nas feridas e atirou as esponjas para o cesto enquanto Pausino extraía as compressas. Sorriu.

— Cá está! Agora ficou tudo limpo e com melhor aspeto. Nada de coágulos. Hão de aparecer alguns, como sempre sucede, mas desaparecerão quando drenarmos o pus da ferida, nos próximos dias. Nessa altura não vai ter bom aspeto, isso é certo. Vai haver com certeza alguma inflamação. O que é normal, e até benfazejo, até certo ponto. Se for demasiada, por outro lado, isso poderá indicar infeção. Se isso suceder... — Inspirou por entre os dentes. — Talvez não seja má ideia fazer uma oferta a Esculápio, em nome do centurião.

— Tratarei pessoalmente desse assunto.

— Excelente. Vamos lá então acabar o trabalho. — Pausino pegou na carne dilacerada junto à ferida de entrada, apertou-a e fez a agulha atravessar a pele de Macro. — Temos que ir bem fundo, para não correremos o risco de os pontos se quebrarem. Uso um fio de tripa de carneiro trançado. Tem a resistência que é precisa para estes casos. — Deu quatro pontos, cortou o fio e atou-o. Voltou então a atenção para a incisão e fechou-a com as fíbulas, antes de voltar a abrir uma delas, para proceder a um ajustamento ligeiro; voltou a trespassar a carne de Macro uma última vez. Assentiu para si mesmo, satisfeito. — Pronto. Tu, faz a ligadura.

Cato observou enquanto a ligadura era colocada à volta da perna de Macro.

— E agora?

Pausino atravessou a sala até chegar ao pé de um lavatório instalado numa pequena mesa a um canto. Lavou o sangue das mãos enquanto se dirigia ao comandante.

— Agora? Temos que esperar e ver se o seu amigo melhora. Para lá do risco da infecção da ferida, ele vai ter muitas dores. Normalmente, daria aos meus pacientes umas poucas gotas de ópio. Nas províncias do Leste é fácil de arranjar, mas aqui na Britânia é tão raro como uma verruga no rabo de Vénus. Esgotei tudo o que tinha já há alguns meses. Portanto, o centurião terá que se contentar com raiz de mandrágora embebida em vinho morno. Sempre acalmará as dores, mas vai dar-lhe sono. Pelo menos assim não poderá estragar o trabalho nas feridas.

— Daqui a quanto tempo é que saberemos que irá recuperar?

O médico acabou de lavar as mãos e secou-as com um pano limpo.

— Aí pelo quinto dia, normalmente. Nessa altura, o grau de inflamação será suficiente para sabermos o que se vai passar. Se estiver mau, o mais provável é que tenha ficado alguma coisa na ferida que esteja a causar o problema. Caso em que terei de voltar a abri-la, limpar tudo com vinagre e depois com mel quente dissolvido em água, antes de voltar a cosê-lo.

— Estou a ver. — Um pensamento ocorreu a Cato. — Mas se não houver inflamação, poderei concluir que o Macro estará em plena recuperação.

— Nem por isso. Se não houver qualquer indício de inflamação, normalmente isso é um péssimo sinal.

— É...? — Cato não conseguia seguir a lógica do que o médico acabara de afirmar. — Como é isso?

— Significa que a carne está a morrer. Mas se for esse o caso, será fácil de perceber pelo cheiro que sai da ferida. Nessas circunstâncias, tudo o que poderei fazer será mantê-lo o mais confortável possível, até que a morte sobrevenha. — Pausino contemplou o paciente, enquanto o seu assistente rodava Macro até este ficar de costas. Batucou com um dedo na perna do centurião. — Se a ferida fosse mais abaixo no membro, poderia considerar a possibilidade de cortar a parte morta, mais um pedaço de carne ainda viva para garantir o sucesso, serrar o osso e amputar-lhe a perna. A sua carreira militar estaria terminada, mas teria alguma hipótese de sobrevivência. Seria a morte certa se não fosse tratado dessa forma. Mas nesta parte da perna, tão acima, é muito complicado. O processo é mais demorado, perde-se muito mais sangue. — Refletiu por momentos e encolheu os ombros. — Portanto, oremos para que Esculápio nos seja propício, e para que o centurião Macro recupere por completo.

Cato estava a ficar um tanto farto dos modos do médico, e virou-se para ele com uma expressão firme e pouco amigável.

— Vou responsabilizar-te pessoalmente por essa recuperação. Tratarás de garantir que ele tenha atenção constante, e que todas as suas necessidades sejam satisfeitas. Comida, bebida, higiene. Ele é um oficial de um género que é extremamente difícil de substituir, e o exército precisa dele. Ficarei muito pouco satisfeito, para não dizer mais, se ele acabar por falecer. E posso sempre arranjar lugar na frente de combate para um ex-médico do exército. Estou a fazer-me compreender?

Pausino enfrentou o olhar do prefeito sem pestanejar.

— Senhor, não há qualquer necessidade de proferir esse género de ameaças. Assumo as minhas responsabilidades com tanta seriedade como qualquer oficial. E não estabeleço preferências entre os meus pacientes. Todos têm direito ao melhor dos meus esforços, seja qual for a sua patente. Tem a minha palavra quanto a isso.

Cato perscrutou a face do outro, em busca de qualquer sinal de falta de sinceridade, mas não o encontrou, pelo que se acalmou.

— Muito bem. Mantém-me a par dos progressos do centurião.

— Com certeza, senhor. — Pausino inclinou a cabeça.

Cato virou-se para contemplar Macro uma última vez, antes de sair. A respiração do amigo era leve, mas mais regular do que antes, e no pescoço pulsava uma veia. Cato deu-lhe uma ligeira palmada no ombro.

— Meu amigo, espero que recupere — disse, suavemente.

Dirigiu-se por fim à porta e saiu do pequeno hospital do forte romano. Lá fora, a luz mortiça do fim do dia derramava-se quase na horizontal sobre as muralhas, e produzia longas sombras sobre os blocos de casernas, todos alinhados, todos com as suas telhas de madeira escura. Atravessou a via principal do campo e dirigiu-se à entrada do quartel-general, trocando pelo caminho uma saudação com as sentinelas que guardavam a porta. Os seus aposentos pessoais eram compostos por um conjunto de quartos modestos ao fim do corredor. Assim que chegou ao seu gabinete, tirou o manto e chamou o seu criado pessoal. Traxis, um trácio de ar sombrio, com cabelo escuro e curto, emergiu rapidamente do cubículo onde dormia.

— Prefeito?

— Ajuda-me a tirar a armadura.

Cato levantou os braços e debruçou-se para o homem, enquanto se

torcia, de forma a sair da armadura que o criado segurava pelas pontas e puxava para cima, por cima da cabeça. Despiu a seguir a veste de enchimento. Com um grunhido de alívio, empertigou-se e espreguiçou-se, fazendo rodar os ombros. Só então reparou nas manchas de sangue seco espalhadas pelas placas metálicas, e olhou para as mãos, onde havia mais sangue seco nos dedos.

O sangue de Macro.

Passou-se um momento até ser capaz de sacudir o sentimento de apreensão que o tomou. Limpou a garganta e voltou a dirigir-se ao criado.

— Quero carne, pão e vinho. Acende o fogo no braseiro. Depois disso, trata do meu equipamento.

— Sim, senhor. O centurião Macro virá juntar-se a si?

Cato hesitou. Estava demasiado fatigado para se pôr com grandes explicações.

— Esta noite não.

— Muito bem, senhor.

O trácio deixou-o. Cato ficou a olhar para as próprias mãos durante algum tempo, incapaz de reagir, até que seguiu o exemplo do médico e foi lavar as mãos no lavatório sobre a mesa de campo, do outro lado do gabinete, em frente à secretária. Teve que se empenhar para limpar o sangue seco, usando as unhas para o soltar da pele. Quando se livrou dos últimos resquícios, contemplou a água avermelhada e suspirou, frustrado. Mas no que estaria Macro a pensar quando se tinha lançado a toda a velocidade na direção do jovem nativo? Tinha sido um gesto temerário, e a loucura custara-lhe bem caro. Se morresse, seria um fim ignominioso. Mas a verdade é que era um destino partilhado por inúmeros soldados. Eram muitos mais os que morriam devido a acidentes ou doenças do que os que tombavam em batalhas. Porém, Cato nunca teria sido capaz de imaginar que o fim do amigo chegasse de outra forma que não à cabeça da sua coorte. Era isso que assentava ao caráter daquele homem.

Secou as mãos e atravessou a sala para se sentar no banco por trás da secretária. Com Macro confinado ao leito de enfermo por um período indeterminado, seria preciso dar aos homens um comandante interino. A escolha óbvia era o centurião Crispo. Um verdadeiro gigante, embora a presença física imponente fosse compensada por uma absoluta falta de bom humor. Mas não havia volta a dar-lhe. Teria que

ser o Crispo. Decidiu que lho iria comunicar assim que tivesse comido qualquer coisa.

Mas primeiro havia outro assunto que não podia esperar. Pegou numa das tábuas enceradas empilhadas sobre a secretária, abriu-a e empunhou um dos aparos de latão também colocados na mesa. Traxis tinha tratado bem das tábuas e a cera estava bem preparada, com uma superfície lisa e impecável. Cato deixou-se estar sentado e quieto por momentos, a contemplar a parede do outro lado do compartimento, enquanto compunha mentalmente a memória do que tinha observado na aldeia nativa. Por fim, lançou-se ao trabalho.

“Ao Legado Gaius Quintato, da Décima Quarta Legião, saudações. Peço respeitosamente licença para apresentar este relatório...”

— Como se sente? — quis saber Cato enquanto puxava um banco e se sentava ao lado de Macro; era manhã cedo, e tinha passado um mês desde que o centurião fora ferido. O veterano estava recostado num colchão de palha e ervas. A perna, toda ligada, estava esticada e hirta, e Cato tinha ficado agradado por ver que não havia manchas escuras nos panos que rodeavam as feridas. Poucos dias antes, Pausino tinha confirmado que a ferida de Macro estava isenta de infecção e que uma boa quantidade de pus tinha sido retirada com uma nova aplicação de vinagre, antes de a perna voltar a ser ligada. Restava apenas, para conseguir a recuperação completa que se podia felizmente esperar, que Macro descansasse e tomasse regularmente a mandrágora embebida em vinho, como lhe fora indicado. E beber vinho nunca fora coisa que desagradasse ao centurião, embora achasse o sabor do extrato de raiz um tanto amargo.

— Como me sinto? — Macro soltou um profundo suspiro. — Foda-se, mais chateado do que um galináceo. Isto não é vida para um soldado.

— É com toda a certeza, se o soldado em questão estiver a recuperar de uma ferida na perna feita por uma flecha de caça. — Cato sorriu. — Além disso, o exército é bem capaz de se arranjar sem a sua presença, pelo menos por um mês.

— Achas mesmo? — Macro franziu o sobrolho. — Ouvi dizer que puseste o Crispo à frente da minha coorte enquanto eu aqui estou. Que tal se está ele a safar?

— Razoavelmente. Ele é farinha do mesmo saco, embora não possua os seus modos calorosos e sedutores.

— Muito engraçado — protestou Macro, antes que Cato prosseguisse.

— Agora a sério. Ele está a fazer um bom trabalho. Não tem que se

preocupar com os seus rapazes, não está tudo a ir por água abaixo. O Crispo está a fazê-los treinar no duro com vista à próxima campanha. Isso quando não está a verificar as provisões e a assegurar-se de que temos equipamentos, carros e mulas suficientes quando chegar o momento em que recebermos ordem de marcha.

— Com essa parte do trabalho pode ele ficar para sempre. Nunca apreciei a burocracia.

— Faz parte, centurião Macro. Porque é que acha que lhe pagam muito mais do que a um vulgar legionário?

— Ora, sempre pensei que fosse por causa dos meus modos calorosos e sedutores.

Riram juntos, mas o humor de Macro depressa esmoreceu, e a sua expressão tornou-se séria.

— Então, sempre é verdade que o Quintato vai fazer avançar o exército para as montanhas?

— Parece-me bem que sim. O meu relatório não foi o único a avisar que as tribos estavam a concentrar os seus guerreiros. Ao que parece, os deceanglos e os ordovicos estabeleceram uma espécie de pacto contra nós. Foram sem dúvida os druidas que o mediarão. O legado deu instruções à Vigésima e à Décima Quarta, e a seis coortes auxiliares, incluindo os Corvos Sangrentos, para realizarem todos os preparativos necessários para uma campanha. — Cato deu um estalo com a língua. — Uma pena que não possa juntar-se a nós.

Macro remexeu-se no colchão e endireitou-se.

— O caralho é que não posso. Eu vou. É só questão de me meterem num dos vagões com o equipamento, até a minha perna ficar boa. E, se for preciso, até deitado luto.

Cato abanou a cabeça.

— Já passei a escrito todas as ordens. Ficará aqui no forte. O legado vai chamar algumas unidades de reserva para guarnecerem os postos na fronteira enquanto conduz o resto do exército ao encontro do inimigo. Duas centúrias da Oitava Ilírica virão ocupar esta posição quando nós marcharmos. Na minha ausência, assumirá o comando, assim que estiver capaz de se aguentar de pé. Tente não lhes tornar a vida demasiado difícil, sim?

Macro fungou.

— A Oitava Ilírica? Pelo que tenho ouvido, são uns inúteis. Um

grupo de miúdos imberbes, uns tantos inválidos e mais uns veteranos pescados noutras unidades para terem direito a uma cerimónia de despedida em grupo assim que o Imperador lhes conceder dispensa. Que os deuses me ajudem...

Cato deu uma palmada no ombro do amigo.

— Nesse caso, Macro, é mesmo o homem de que eles precisam para se tornarem uma unidade decente.

— Ora, treinar homens sei eu fazer. Mas milagres, porra, isso já é mais difícil.

— Ninguém lhe está a pedir que faça milagres, simplesmente que cumpra o seu dever. Além disso, quem é que se queixou de estar aborrecido? Dentro de pouco tempo terá com que se entreter, e bem.

Foram interrompidos pelo som de passos no corredor, e no momento seguinte um auxiliar ofegante irrompeu pelo dormitório e apresentou a saudação regulamentar.

— Senhor, o optio de serviço envia-lhe cumprimentos. Uma coluna de cavaleiros aproxima-se do forte.

Cato levantou-se.

— De que direção vêm?

— De leste, senhor. Na estrada de Viroconium.

Cato considerou a informação. O mais provável era que fossem romanos, vindos da fortaleza onde estava acantonado o grosso do exército. Ainda assim, podia ser um embuste. Era sabido que, em diversas ocasiões, o inimigo já tinha usado equipamento romano capturado.

— Nossos ou deles?

— Não consegui determinar, senhor. Avistámo-los à distância, mas depois sumiram-se no meio da névoa que cobre o fundo do vale.

— Estou a ver. — Cato coçou o queixo. — E quantos eram?

— Creio que... pelo menos uns trinta, senhor.

— Nesse caso, não constituem uma ameaça imediata. Muito bem, regressa ao teu posto e diz ao optio que me juntarei a ele daqui a muito pouco. — Virou-se para Macro e lançou um encolher de ombros à laia de desculpa. — Voltarei assim que puder.

— Não se preocupe, senhor. Por muito que me custe, não vou a lado nenhum tão cedo.

Cato seguiu o auxiliar para fora do hospital e dirigiu-se aos seus aposentos, para dizer a Traxis para lhe levar a armadura, armas e capa à

— casa da guarda do portão de leste. Atravessou então o forte, resistindo a custo à tentação de desatar a correr. Seguiu a escola de pensamento que defendia que era bom para os homens ver que o seu comandante mantinha a calma e permanecia sereno e imperturbável em qualquer situação. Quando alcançou os degraus na base do torreão, sentiu-se compensado ao escutar o optio a dar ordens para alertar o resto da unidade. Uma nota estridente soou de uma trombeta de latão e espalhou-se pelo forte. Três toques rápidos, seguidos de uma pausa, e depois uma repetição. Os oficiais nas casernas começaram de imediato a apressar os homens, com uns gritos bem colocados e algumas imprecações bem medidas. As portas dos quartos de cada uma das secções abriam-se de par em par quando os homens saíam a correr; depois, já no exterior, ajudavam-se uns aos outros a envergar as cotas de malha e o resto do equipamento e iam-se colocar nos postos que lhes tinham sido atribuídos nas muralhas.

Cato subiu as escadas até à plataforma sobre o portão, onde se juntou ao optio de serviço e a uma sentinela, que estavam apoiados à balaustrada de madeira. Trocaram uma saudação e Cato virou o olhar para a estrada que saía do forte e descia para o fundo do vale. A manhã estava fresca e as nuvens que tapavam o Sol davam à paisagem selvagem um ar tenebroso. Tal como a sentinela dissera, havia uma névoa espessa que se espalhava pelo terreno mais abaixo, como uma maré cinzenta que rodeasse o outeiro sobre o qual o forte fora construído. Um inimigo podia facilmente avançar sem ser detetado até poder utilizar um arco para abater um homem na muralha, calculou o prefeito. Virou-se para o optio, um homem do esquadrão de Miro.

— Fizeste bem em mandar soar o toque para que os homens tomem as suas posições.

O soldado deixou transparecer brevemente o prazer pelo elogio.

— Senhor, nunca mais os avistámos, desde que o mandei avisar.

Na torre estabeleceu-se o silêncio, em contraste com o ruído de fundo das botas dos membros da guarnição a batucarem nos passadiços da paliçada enquanto se dirigiam às suas posições. Por fim, quando o último dos soldados ocupou o seu posto, Cato debruçou-se sobre a balaustrada e esforçou os ouvidos. Depressa conseguiu distinguir o ruído de cascos distantes, e pouco depois o chocalhar dos arreios e do equipamento dos cavaleiros.

— Em breve saberemos quem são — afirmou, e de imediato se

amaldiçoou por ter deixado escapar aquele comentário desnecessário. Lá se ia a imagem do comandante imperturbável, lembrou a si mesmo, com pesar.

A escada rangeu com o peso de Traxis, que subia até à plataforma, com todo o equipamento de Cato preso debaixo do braço. O trácio respirava com dificuldade quando pousou o fardo e ajudou o oficial a envergar a armadura articulada e a passar o cinturão da espada por cima do ombro.

— A capa, senhor?

Cato abanou a cabeça, de atenção presa no manto de nevoeiro.

— Além! — A sentinela ao lado do optio apontou para um ponto na estrada. O prefeito e o optio olharam na direção indicada e avistaram uma vaga perturbação na névoa, que a pouco e pouco se foi definindo como o grupo de cavaleiros em aproximação ao forte. Cato distinguiu as formas de um estandarte romano, e no momento seguinte os cavaleiros à cabeça da coluna emergiram da névoa para o espaço aberto à frente do portão. A tensão no torreão dissipou-se, até que Cato avistou o capacete encimado por plumas e a placa peitoral brilhante usados pelo cavaleiro que seguia logo atrás do estandarte.

— É o legado Quintato.

— Senhor, devo organizar uma guarda de honra? — quis saber o optio.

— Já não temos tempo para dar espetáculo. Não, abre simplesmente o portão.

O optio dirigiu-se às traseiras do torreão e gritou para baixo, para a secção de auxiliares que aguardava no interior das pesadas portadas. Cato apressou-se a descer, saindo da casa da guarda precisamente quando os soldados se esforçavam para acabar de escancarar o portão, que rangia.

— Em sentido! — berrou, e colocou-se ele mesmo numa posição rígida, enquanto os homens pegavam nos escudos e lanças e formavam uma linha à sua esquerda. O troar dos cascos encheu o espaço, até que os cavaleiros refrearam as montadas já a curta distância do portão, e as conduziram a passo pela entrada do forte. Um esquadrão de legionários montados da Décima Quarta foi o primeiro a entrar, avançando uma curta distância pela via principal do forte e formando também uma linha de honra, com os cavalos alinhados. Seguiu-se o estandarte pessoal

do legado, seguido pelo próprio Quintato, de cara afogueada pelo esforço da cavalgada naquela manhã fria. Quintato era o mais antigo dos quatro comandantes de legiões na Britânia, e fora ele a assumir o comando da província depois da morte de Ostório. Cato via-o como um soldado competente mas que, como muitos dos da sua classe social, albergava ambições políticas. E por vezes estas exigiam o sacrifício dos soldados que tinham o azar de ser comandados por homens daquele género.

Cato encheu os pulmões.

— Apresentar armas!

Os auxiliares moveram as lanças num movimento rápido, apresentando-as ao governador interino da Britânia. Quintato passou uma perna por cima da sela do seu cavalo e deslizou para o solo. Enquanto o porta-estandarte pegava nas rédeas, o legado aproximou-se de Cato com um sorriso amigável.

— Prefeito Cato, é muito bom voltar a ver-te. Como andam as coisas? Mais algum sinal de atividade inimiga?

— Não, senhor, embora eles não parem de enviar grupos de guerra para flagelar as nossas patrulhas e as manter afastadas das aldeias.

Quintato assentiu.

— O que só prova que eles estão a preparar alguma coisa.

— Sim, senhor.

— E constitui uma boa razão para os atacarmos em força, e depressa. Antes que sejam eles a tomar a iniciativa. Será uma excelente ocasião para que a tua unidade consiga alcançar mais alguma glória em batalha, não é?

Cato não respondeu. Havia melhores razões para entrar em guerra do que a perspectiva de acumular prémios daquele género. Quintato olhou em redor.

— E onde está o fioso e destemido centurião Macro? Estou seguro de que deve estar cheio de vontade de ir malhar mais um bocadinho no inimigo.

— O centurião está a recuperar de um ferimento, senhor. Está confinado à enfermaria.

Quintato franziu o cenho.

— Oh? Nada de muito grave, espero?

— Uma ferida de flecha, senhor. Está a recuperar bem. Diz o médico que poderá retomar tarefas ligeiras lá para o fim do mês que vem.

— Uma pena. Não vai poder participar na festa.

— Pois não, senhor. — Cato fez um gesto a designar o edifício do quartel-general no coração do forte. — Deseja com certeza refrescar-se um pouco nos meus aposentos?

— De facto. Mostra lá o caminho. Mas primeiro, gostaria de dar uma volta rápida pelo forte, para conduzir uma breve inspeção aos teus homens.

Enquanto os dois oficiais seguiam pelo meio da avenida principal do campo, o comandante da escolta deu ordem para que os seus homens desmontassem e fossem dar de beber aos cavalos, ao mesmo tempo que ecoava por todo o forte o sinal a indicar à guarnição que podia abandonar o estado de prontidão. Quintato passou um olhar profissional pelos legionários, apreciando a forma ordeira como cumpriam as ordens.

— Que tal estão os teus homens?

— Senhor?

— Estão com o moral em cima? Estiveram todo o ano na linha da frente, e sofreram pesadas baixas. Sei que a maior parte deles são substitutos. São de confiança?

Cato ordenou os pensamentos antes de fazer menção de responder.

— Tenho toda a confiança neles, senhor. Em todos eles. Os veteranos são do mais rijo que se pode encontrar, e são eles que estabelecem o padrão. O centurião Macro e eu temos trabalhado os novos homens com a dureza necessária, e eles estão a corresponder.

— Excelente. — Quintato assentiu para si mesmo. — Era isso mesmo que esperava ouvir. Talvez te estejas a perguntar o porquê desta visita.

Cato deitou-lhe uma olhadela rápida.

— Já me tinha passado pela cabeça a vontade de lhe fazer essa pergunta, senhor.

O legado sorriu, mas depressa adotou uma expressão mais séria.

— Recebi relatórios muito similares ao teu da maior parte dos postos fronteiriços. O inimigo está a concentrar forças, isso é certo. Estou seguro de que tencionam lançar um ataque em força antes da chegada do novo governador. Portanto, tenciono ser eu a atacar antes. Mas dir-te-ei o resto quando estivermos a sós.

Mais tarde, nos aposentos de Cato, Traxis colocou sobre a mesa um tabuleiro com um jarro de vidro e dois cálices de prata, inclinou respeitosa e a cabeça perante o legado e deixou o convidado a sós com

o comandante do forte. Cato encheu os cálices e ofereceu um ao seu superior, antes de pegar no outro e se sentar no banco junto à secretária, enquanto Quintato ocupava a cadeira, mais confortável. Ao saborear o vinho, apercebeu-se de que devia provir da última ânfora da sua reserva pessoal de vinho de Falerno, e lançou um suspiro para dentro ao pensar que já só lhe restariam algumas ânforas de vinho gaulês barato.

Quintato arregalou as sobrancelhas de forma apreciativa perante o néctar que lhe enchia o cálice, antes de o depositar sobre a mesa e se virar para Cato.

— Temos aqui a ocasião de vibrar um poderoso golpe no inimigo, de tal forma que ele não conseguirá recuperar, Cato. Se eles forem idiotas a ponto de resolverem concentrar os seus guerreiros e nos pouparem assim o esforço de os caçar aos poucos, só temos que aproveitar a oportunidade que nos oferecem. Nem consigo dizer-te quão cansado e farto estou de lhes aturar os ataques repentinos, e de os perseguir uma e outra vez sem conseguir mais do que vê-los desaparecer algures nestas montanhas, os sacanas. Portanto, pretendo reagrupar o exército, avançar pelo coração do território nativo e destruí-los até ao último homem que tente opor-se ao nosso avanço. Sobretudo se forem druidas. Se os ameaçarmos diretamente, eles não deixarão de solicitar ajuda a todos os seus aliados, e isso poupar-nos-á o trabalho de andar à procura deles.

— Isso significa atacar o covil dos druidas em Mona, senhor.

— E foi por isso mesmo que dei ordens a um dos esquadrões da marinha para se encontrar connosco na costa e apoiar o nosso ataque à ilha. Quando tivermos terminado, os deceanglos não passarão de uma memória, e os últimos traços dos druidas e dos seus bosques sagrados estarão erradicados da face desta terra. — Fez uma pausa, para deixar que as suas palavras fossem bem compreendidas. — E quando os siluros e os ordovicos souberem do destino dos seus vizinhos do Norte, virão ter connosco para fazer a paz. E nesse momento, por fim, teremos tornado esta província um sítio seguro e tranquilo.

Cato remexeu o cálice na mão, devagar.

— Senhor, com todo o respeito, foi isso que o Ostório tentou fazer. Mas em vez de assustar o inimigo e o levar a solicitar negociações, só conseguiu endurecer-lhe a resolução de nos combater.

— Isso foi enquanto tinham o Carátaco para os liderar. Agora que ele já não anda por aí, não há ninguém capaz de unir as tribos.

— Exceto os druidas.

— Sim, é um facto. Mas quero dizer um homem, um líder carismático que todos se sintam inclinados a seguir. Ninguém tem essa capacidade de evitar que estes bárbaros se atirem às goelas uns dos outros, pelo menos o tempo suficiente para lutarem contra nós de forma unida. Se fizermos dos deceanglos um exemplo, talvez o resto das tribos desta ilha perceba finalmente que a escolha que se lhes oferece é entre a submissão à vontade de Roma, ou o extermínio.

Cato soltou uma risada nervosa.

— Extermínio? Não está a falar a sério, pois não, senhor?

Quintato encarou-o com ar austero, e uma expressão fria como aço.

— Muito a sério, prefeito. Até à última criança, até ao último animal.

— Mas porquê?

— Às vezes, só a mais pesada das lições é capaz de abrir os olhos a quem não quer ver.

— Senhor, e se a lição que acabar por ser apreendida for outra, completamente diferente? Afinal, não tentou o Ostório precisamente o que agora advoga? E só conseguiu dar novo alento à resistência contra Roma.

— Faltou-lhe a determinação para levar a tarefa até ao fim. Ou talvez estivesse demasiado cansado. Se ele fosse um pouco mais jovem, talvez a história tivesse sido diferente. Mas as coisas são como são e, ao que parece, o destino escolheu-me para continuar a obra do Ostório. Seja qual for a situação, prefeito Cato, os meus planos estão traçados. Talvez estejamos a deitar fora a oportunidade de fazer uma fortuna na venda de cativos para a escravatura, mas paciência. Quanto ao panorama geral, se uma salutar dose de implacável crueldade servir para convencer as outras tribos de que a resistência é verdadeiramente fútil, talvez a longo prazo se possam salvar muitas vidas. — Coçou a face. — Incluindo vidas nativas. Vês com certeza a lógica disto? Um tipo inteligente como tu?

Cato pensou por momentos. Havia boas razões para apoiar um plano daquele género, mas ao mesmo tempo parecia-lhe um completo desperdício de vidas, além de que, para o bem das futuras relações entre Roma e a população da nova província, seria muito melhor tentar minimizar o sofrimento imposto a esta última, e tentar antes conquistá-la de outra forma. Todavia, no fim de contas, ele era um soldado, tinha profendido um juramento de fidelidade ao Imperador e a todos aqueles que o

soberano decidisse colocar em posições que lhe conferissem autoridade sobre si.

— Sim, senhor. Compreendo.

— Ótimo.

Ambos resolveram sorver mais algum vinho, enquanto matutavam no diálogo que tinham travado. Os pensamentos de Cato regressaram a uma questão que se lhe tinha posto mais cedo, e para a qual ainda não tinha encontrado resposta adequada. Limpou a garganta.

— Senhor, podia ter convocado todos os comandantes de postos e fazê-los ir ao quartel-general para lhes dizer isto. Porque é que veio cá em pessoa? Se posso perguntar?

Quintato sorriu lentamente e ergueu o cálice num brinde fingido.

— A tua circunspeção serve-te perfeitamente, jovem Cato. Digo-o mais como elogio do que de forma condescendente. Sendo apenas um soldado profissional, demonstras uma cabal perceção das realidades políticas deste mundo. Diz-me tu, então, porque é que pensas que eu me desloquei até aqui?

Cato sentiu o coração a acelerar. O legado conhecia o seu passado, e o de Macro, dos tempos em que tinham sido recrutados para trabalhar como agentes do secretário imperial Narciso. E Quintato sabia-o, porque também ele tinha desempenhado uma função similar para o arquirrival do secretário, um outro servidor do palácio, chamado Pallas. Os dois libertos estavam envolvidos numa terrível luta pela supremacia, havia já alguns anos, e com as forças de Cláudio a começarem a vacilar, era apenas uma questão de tempo até que Pallas conseguisse empurrar aquele que era o seu sucessor preferido, Nero, até ao trono imperial. E até ali, no limite do Império, a luta mortal entre os dois prosseguia. Assim que tinham regressado à província, Cato e Macro haviam sido colocados numa posição de perigo, e tal fora um gesto deliberado, uma determinação de Quintato, a mando de Pallas. Depois de Cato ter conseguido resolver a situação no forte de Bruccium, um posto avançado no território inimigo, e depois de ele e Macro terem desempenhado um papel decisivo na captura de Carátaco, tinha tido alguma esperança de que uma trégua não declarada se tivesse instalado entre eles e o legado.

— Não faço ideia, senhor.

— Ora, vá lá. Fico muito desapontado. Tinha fortes suspeitas de que tivesses a impressão de que eu tinha vindo até aqui apenas para te colocar

em maus lençóis. Portanto, deixa-me descansar-te quanto a isso. Não é essa a razão da minha visita. Muito pelo contrário. Vim visitar-te por várias razões. A primeira é puramente militar. Queria avaliar com os meus próprios olhos o estado de prontidão dos teus homens para a campanha que vamos começar. E o que vi agradou-me sobremaneira. Ambas as coortes parecem em boa forma. Ao contrário de algumas guarnições que tenho visitado nos últimos dias. A segunda razão tem mais a ver contigo pessoalmente, prefeito Cato. — Quintato pousou a taça e cruzou as mãos, enquanto olhava Cato nos olhos. — Até aqui, houve várias ocasiões em que não estivemos propriamente de acordo.

— É uma forma de ver a coisa, senhor.

O legado franziu o sobrolho.

— Todos jogamos em função de alguém. Tu foste forçado a trabalhar para o Narciso, e eu fui persuadido a defender os interesses do Pallas. E ambos satisfizemos os pedidos dos nossos bonecreiros, pelo menos para já.

— Não sou fantoche de ninguém — retorquiu Cato, com firmeza.

— Achas que não? Achas mesmo? Agora sim, desapontas-me, de facto. Mas pondo isso de parte por agora, preciso que entendas as minhas verdadeiras intenções por trás da campanha que se aproxima. Portanto, escuta. — Quintato voltou a pegar no cálice e recostou-se na cadeira. — A situação em Roma vai sofrer alterações muito em breve. O Imperador Cláudio é um ancião, e os velhos têm uma certa propensão para caírem mortos de repente. As pessoas inclinam-se para atribuir essas mortes a causas naturais. O que dá uma certa vantagem aos que procedem de forma a acelerar o processo de mortalidade natural. Estás a seguir a minha ideia?

Perfeitamente, pensou Cato. Alguns anos antes, ele e Macro tinham-se visto envolvidos numa operação secreta para proteger Cláudio de presumíveis assassinos que operavam no seio do palácio imperial. Tanto eles como o Imperador tinham tido dificuldade em escapar vivos dessa história.

— Nos tempos que correm, veneno ou uma lâmina entre as costelas passaram a ser vistos como causas naturais de morte no palácio. Uma pena, é certo, mas é assim. Há com toda a certeza muita gente a fazer planos para proporcionar ao Imperador uma partida antecipada, e isso deixa o meu homem e o teu a digladiarem-se para arranjar forma de

colocar o seu candidato no trono assim que Cláudio falecer. No momento, as hipóteses parecem estar mais do lado de Pallas e Nero, mas quem sabe? Talvez o Narciso consiga manobrar de forma a pôr o Britânico no lugar do pai. Na realidade, ele tem a vantagem de ser o filho natural do Imperador. Mas o Nero tem a mãe, e não há nada que aquela megera da Agripina não seja capaz de fazer para alcançar aquilo que deseja. O Narciso poderá ainda vir a surpreender-nos a todos. Está encurralado, e é nessas alturas que se torna mais perigoso. Tens a sorte de ele estar do teu lado.

Cato mal sufocou uma risada amarga.

— Sorte? Eu e o Macro pouco pudemos dizer a respeito. Vimo-nos forçados a fazer o que ele indicava, e ele colocou-nos em perigo mortal uma e outra vez.

— Nada a que vocês não estivessem habituados. No fim de contas, são soldados.

— Sim, senhor. Mas embora esteja preparado para sacrificar a minha vida por Roma, não estou de forma nenhuma pronto a imolar-me em nome daquele réptil do Narciso.

— Um princípio muito louvável e decente. Mas, tal como muitos outros princípios, completamente desfasado da realidade em que tantas vezes nos encontramos, não é? Além disso, é bem melhor ter uma serpente como o Narciso ao teu lado do que enrolada no teu pescoço. Só um idiota pensaria o contrário, e tu és tudo menos idiota. — Quintato ergueu o cálice na direção de Cato, e depois esvaziou-o de um trago, antes de o pousar na mesa com violência. — Deixa-me portanto partilhar algumas ideias contigo. À minha frente abre-se uma oportunidade. O novo governador não chegará à Britânia senão daqui a uns meses. Tempo suficiente para eu poder atacar o inimigo e esmagá-lo de uma vez por todas. A minha intenção declarada é destruir os deceanglos, tomar a ilha de Mona e varrer os druidas para longe deste mundo. Sem eles no cenário, não haverá mais ninguém capaz de coordenar a resistência das tribos nativas. Forçarei estes bárbaros a submeterem-se. A vitória será minha. E uma vez que terminarei o meu turno nas legiões e serei chamado a Roma para o ano, será de grande utilidade levar comigo a fama de uma campanha de sucesso. Partindo do princípio de que o Nero sucederá ao seu pai adotivo, e que o Pallas se mantém como o verdadeiro poder por trás do trono, a minha estrela continuará em ascensão. Nessa

altura, como qualquer homem de poder, vou precisar de apoiantes em quem possa confiar. Homens capazes, com folhas de serviço distintas, com várias capacidades e experiência suficiente. Tu és um desses homens. Tal como o teu amigo Macro. Seria uma honra para mim poder contar convosco entre os meus apoiantes.

— Não duvido de que o seria.

Quintato interrompeu-se por momentos, antes de prosseguir num tom calmo mas pleno de ameaça.

— Prefeito, antes de adotares essa postura de superioridade, deixa-me lembrar-te algumas realidades. É quase certo que o Narciso será um dos primeiros a ser proscrito assim que o Nero assumir o poder. Conheço bem o Pallas, e ele fará tudo para se assegurar de que os seguidores do Narciso sejam eliminados com o seu mestre.

— Eu não sou apoiante do Narciso.

— Podes até acreditar nisso, mas essa tua crença não afeta a forma como o Pallas olha para a questão e para ti. Para ele, tu e o Macro são meros detalhes. Não perderá um segundo a considerar se sim ou não. Os vossos nomes estarão na lista, e a seu tempo chegará à Britânia uma ordem para a vossa prisão e execução. E tudo estará terminado. Ou melhor, nem tudo. Tens uma esposa, creio eu. Se fores condenado como traidor, as tuas propriedades serão confiscadas. A tua mulher ficará na miséria. Pensa bem nisso.

Aguardou algum tempo, deixando as suas palavras penetrar no espírito do interlocutor, antes de continuar num tom de maior razoabilidade.

— Contudo, se vocês me apoiassem, eu não teria quaisquer dúvidas em garantir a vossa idoneidade. Trataria de informar o Pallas de que vocês tinham deixado de trabalhar para o Narciso, e que a vossa lealdade para comigo, e por conseguinte para com ele e com o Nero, estaria assegurada. Claro que a vossa causa seria imensamente reforçada se vocês dessem mais um passo...

Cato compreendeu a implicação velada.

— E fingíssemos ser leais ao Narciso, enquanto vos ajudávamos a destruí-lo?

— E porque não? Como tu mesmo disseste, a criatura é um réptil. Ele não hesitou em colocar as vossas vidas em risco. Não lhe devem nada.

— Nem ao Pallas ou a si, senhor.

O legado soltou uma risada.

— Dizes isso agora. Daqui a um, dois anos, as coisas serão muito diferentes, e nessa altura sentir-te-ás grato por dispores da minha proteção. Não apenas para ti e para o Macro, mas também, ou sobretudo, para a tua família.

Cato sentiu as entranhas a torcerem-se de ansiedade.

— Está a ameaçar a minha família?

— Pelo contrário, estou a oferecer-lhe a minha proteção. Infelizmente, aqueles que amamos e por quem fazemos tantos sacrifícios têm uma forte tendência para se tornarem nos nossos calcanhares de Aquiles. Se queres controlar um homem, há que controlar os seus receios. Não me provoca qualquer prazer enunciar este princípio. Como já te disse, estou apenas a apontar a realidade da situação. Só tu podes escolher o que queres fazer quanto a ela.

— Não há escolha — ripostou Cato em tom neutro, enquanto lutava para controlar o azedume. — Pois não?

Quintato abanou a cabeça suavemente.

— Temo bem que não. Se te servir de consolo, a minha própria família está também debaixo do olho do Pallas. Ele interpelou-me em tempos, da mesma maneira que o faço contigo, e fez-me a mesma oferta, e a mesma ameaça, e desde esse momento vi-me forçado a seguir os seus ditames. Isso foi há dez anos. Nos tempos em que o Pallas ainda tentava subir pelo pau ensebado.

— Mas escolheu não cumprir as ordens dele, de assegurar a nossa eliminação.

— Achas mesmo? Enviei-vos para aquilo que pensava ser a vossa morte certa, em Bruccium. Porém, contra todas as probabilidades, vocês triunfaram. Admirei-vos por isso. Seria uma pena ver-vos eliminados sem que tal fosse necessário... Cato, pensa bem. Percebes muito bem a situação. Vês com certeza que não existe alternativa. Ou pelo menos, nenhuma que não tenha um custo insuportável.

— Sim, vejo isso — admitiu Cato.

— Compreendo o teu desespero. Mas há de ultrapassá-lo. A ausência de verdadeira possibilidade de escolha tratará de to fazer esquecer. Tudo o que há a fazer é adaptar e sobreviver. Não é isso, no fim de contas, que nos ensina a vida?

Esperou por uma resposta, mas Cato estava demasiado furioso e amargo para se atrever a ripostar. Queria a todo o custo refutar os argumentos

que lhe tinham sido apresentados. Queria desesperadamente afirmar os seus princípios e desafiar a vontade dos homens poderosos que se achavam no direito de decidir o destino dos outros. Aspirava de facto a um mundo em que a honra, a honestidade e o mérito contassem mais do que a astúcia, a avariza e a ambição. Porém, tinha à sua frente a demonstração perfeita de que aquilo por que ansiava não passava de um devaneio. Apesar de tudo o que já conseguira, de todas as batalhas que travara e vencera, de todas as promoções que recebera, vivia submetido aos caprichos de homens como Narciso e Pallas. Que não eram sequer realmente romanos. Meros libertos que tinham aprendido a tocar os botões do seu antigo dono como se este fosse um instrumento musical. Pior ainda era o facto de estar consciente da extensão da sua vulnerabilidade àquelas maquinações devido ao seu casamento com Júlia. E também o seu filho, a seu tempo, se tornaria um involuntário refém no jogo mortal de intriga política que era praticado pelos habitantes do palácio imperial, de forma tão instintiva como a que os outros homens usavam para respirar.

Suspirou.

— Torna-se claro que vês a razão — observou Quintato, com alguma simpatia na voz. — Isso é bom. Nenhum homem deve escolher uma morte inútil. Vou deixar-te. Precisas de tempo para pensar em tudo o que te disse, e para o aceitar por completo. Voltaremos a falar quando te sentires preparado. Agradeço-te pelo vinho.

Levantou-se, e Cato imitou-o. A informalidade que vigorara havia pouco desvaneceu-se e o legado tornou-se novamente o comandante, de modos bruscos e exigentes.

— Os teus substitutos chegarão ao forte depois de amanhã. Assim que eles cá estiverem, levarás a tua coluna na direção de Mediolanum. Aí te juntarás à Décima Quarta, a um destacamento da Vigésima e às outras coortes auxiliares destacadas para a campanha. Eu estarei no comando geral, pelo que o Valens comandará a Décima Quarta e o prefeito de campo Silano será o líder da Vigésima. É minha intenção dar início às operações daqui a cinco dias. Penetraremos nas montanhas, queimaremos qualquer povoação inimiga que encontrarmos, localizaremos e destruiremos as forças nativas e eliminaremos toda e qualquer criatura com que nos depararmos. Depois seguiremos para Mona, e faremos o mesmo. Quando o novo governador assumir o controlo da província, tudo estará em ordem. Não terá sobrado ninguém para desafiar a supremacia

de Roma. Mais precisamente, não haverá qualquer conquista que possa ser reclamada como sua pelo substituto de Ostório. Essa glória pertencer-me-á, a mim e àqueles que me seguirem. Compreendido, prefeito Cato?

— Sim, senhor.

— Nesse caso, nada mais temos a dizer um ao outro. Ver-nos-emos de novo em Mediolanum.